

# O ver e o fazer: os Reis Magos e a análise das imagens na história<sup>1</sup>

## Seeing and doing: the Kings Magi and the analysis of images in the history

Jacqueline Rodrigues Antonio<sup>2</sup>

Mestranda em História

Universidade Estadual de Maringá - UEM

lili240386@yahoo.com.br

Recebido: 31/10/2014

Aprovado: 26/02/2015

**RESUMO:** As imagens são elementos essenciais para a comunicação. Analisá-las auxilia na compreensão da história da humanidade. Diante disso, neste artigo me dedico a demonstrar uma análise da temática dos Reis Magos sob a perspectiva dos simbolismos empregados para a sua representação, de modo que a materialidade colocada pelos artistas seja traduzida na imaterialidade vista pelo contexto e estudos das influências das obras. Ao utilizar uma metodologia pelo viés da História Cultural é perceptível a construção e ressignificação dos elementos expostos, como as cores e as vestimentas. E, assim, é visualizado a sua narrativa e a sua linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte e História, Memória e Identidade, Patrimônio Cultural.

**ABSTRACT:** The images are essential elements for communication. Analyzing them helps in understanding the history of mankind. Given this, I dedicate this article to demonstrate the thematic analysis of the Kings Magi from the perspective of symbolism employees for their representation, so that the materiality placed by the artists to be translated in the immateriality view the context and studies the influences of the works. Using a methodology by bias of Cultural History is perceptible construction and ressignification of the exposed elements such as the colors and clothing. And thus is viewed his narrative and his language.

**KEYWORDS:** Art and History, Memory and Identity, Cultural Heritage.

### Introdução

Em todos os anos são montados presépios no mundo cristão, dentre os personagens postos, sempre estão os três Reis Magos. Também há uma festa popular, muito conhecida no Brasil, feita no dia em que há o desmonte dos presépios, 06 de janeiro, Folia de Reis.

<sup>1</sup>Texto produzido a partir das discussões realizadas na disciplina “Linguagens e narrativas” ministrada pela Profa. Dra. Ivana Guilherme Simili na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

<sup>2</sup> Graduada em História e Especialista em História Social pela Universidade Estadual de Londrina. Aluna do Programa de Pós-Graduação em História, na linha de Fronteiras, Populações e Bens Culturais pela UEM. Bolsista pela CAPES.

Ao visualizar a presença que os Reis Magos têm na sociedade pelas tradições natalinas que houve a difusão de sua materialidade, a sua imaterialidade ficou evidenciada por ter fácil incorporação à cultura popular regional, e dessa forma, percebemos a construção de seu imaginário<sup>3</sup> desde os primórdios do cristianismo, em que há uma delimitação da quantidade e definição de quem são, até à atualidade, com representações de gaúchos e sertanejos como Reis Magos.

Os simbolismos vistos nas imagens produzidas sobre os Reis Magos fazem com que um historiador da cultura analise a memória e a identidade sobre tal objeto, como também a maneira que aquela sociedade pensava a sua realidade. Não significando que tal fonte represente como era o período, mas como eles se pensavam através daqueles personagens e quais mentalidades estavam sendo construídas e propagadas.

Para tanto é necessário nos voltarmos para a historicidade da cultura material, do qual admite aos historiadores “relacionar um conjunto de fatos marginais em relação ao essencial, o político, o religioso, o social, o econômico, em outras palavras, estudar “as respostas dadas pelos homens às sujeições dos meios onde eles vivem””<sup>4</sup>. Isto é algo que serve tanto para o estudo da pintura em si, como para os detalhes dos elementos composta na obra, dessa forma “ver” a memória inserida.

Quanto à metodologia, há diversos modos em como “ver” uma imagem para que, assim, possa “fazer” uma análise historiográfica dessa imagem. Para este artigo será ressaltado o da iconologia e iconografia, propagado por Erwin Panofsky<sup>5</sup>, e exposta por Peter Burke<sup>6</sup>, por exemplo, no qual serve, para nós historiadores das imagens, como base para se iniciar os estudos deste tipo de representação.

Assim, em posse de imagens sobre o seu tema, um historiador tem mais condições de notar a sensibilidade, como uma “rede que envolve sensações, percepção, sentimentos e

---

<sup>3</sup>Há três referências: A primeira evidencia a representação, o simbólico e o ideológico. Na segunda referência diz respeito aos documentos em si, pois o imaginário do escrito é diferente dos demais, como a palavra, o monumento ou a imagem. Já na terceira está às imagens, algo que é distinto das representações e das ideologias. As imagens são concretas e estas pertencem à iconografia. (LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.)

<sup>4</sup>ROCHE, Daniel. *História das Coisas Banais: Nascimento do Consumo séc. XVII-XIX*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 12.

<sup>5</sup>Ver: PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. 4ª reimpr. da 3ª ed. de 2001. Trad. Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2011.

<sup>6</sup> Ver: BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

conceitos, operando por meio do imaginário”<sup>7</sup>, e assim analisar o além da própria imagem, por ela conter simbologias ocultas num olhar superficial, tornando estas imagens o seu objeto de estudo, sendo por isso tão importante nos estudos culturais de algo tão antigo, como é a tradição dos Reis Magos. Por exemplo, é através das imagens que se pode notar que os Reis Magos nem sempre foram reis. As primeiras representações imagéticas os evidenciam como sendo simples Magos em seu sentido original, ligados à magia, somente após o reinado de Otto II que passam a Reis, e depois, próximo aos traslados de suas relíquias para a Europa que são transformados em santos, algo possível de se afirmar através das imagens. Portanto, as modificações estilísticas acompanham a mudança de mentalidade da sociedade medieval, e posteriormente à moderna, período em que se localiza o meu objeto de estudo para o mestrado, sendo necessário para a análise um estudo interdisciplinar, com Teologia e História da Arte.

A fonte da pesquisa atual é uma representação dos Reis Magos que é atribuída sua confecção ao Jesuíta Belchior Paulo (1554-1619) no século XVI e incorporada à Igreja e Residência dos Reis Magos na ocasião do término do altar-mor da Igreja, no ano de 1702, em Nova Almeida (antiga Aldeia dos Reis Magos), no Espírito Santo, Brasil. Também é posta a esta pintura o título de ser a primeira feita a óleo na América Portuguesa. É uma obra tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 21 de setembro de 1943 e já passou por algumas restaurações desde a década de 1940. Esta opção deu-se por essa imagem ter uma importância na História do Brasil, sendo considerada a primeira pintura a óleo feita em terras tupiniquins, e também pela simbologia que a imagem carrega em sua historicidade. Porém neste artigo será tratado das obras de mesmo tema que auxiliam na compreensão da construção dessa imagem.

Dessa forma, o seguinte texto iniciará ressaltando as imagens dos Reis Magos com a iconologia e iconografia de Panofsky sendo à base da análise proposta, e finalizará com o imagético referente aos Magos destacando o simbolismo e o estudo dos detalhes.

### **A iconologia e a iconografia nos estudos históricos**

No referente à metodologia é apresentada ao historiador das imagens como “um duplo desafio – analisar a arte em sua especificidade e em relação dinâmica com a sociedade que a

---

<sup>7</sup>MARTINI, Maria Luiza Filippozzi. Rememorar o espetáculo e observar-se rememorando: Um estudo acerca do imaginário dos espetáculos. RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) *Imagens na História*. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 88.

produziu”.<sup>8</sup> No caso aqui posto, o estudo de imagens está explicitamente ligado a um texto, em especial, bíblico. Dessa forma, é necessária a pesquisa das obras de mesmo tema produzidas anteriormente, e principalmente, os desdobramentos da oralidade e também da escrita desta imagem.

Quanto à imagem em si, também se torna imprescindível que seja verificado o significado dos elementos representados em conformidade com o que a sociedade que o produziu deixou, ou seja, o que uma vestimenta, ou um elemento colocado significa para aquele período, o que auxilia na compreensão do que essa representação é para a época em que foi confeccionado, ou se foi um elemento de ornamento. Dessa forma, o sentido se prevalece ao pensamento, ou seja, o sentido de uma imagem antecede num estudo iconográfico.

Para o estudo da construção da imagem dos Reis Magos, faz-se necessário iniciar com uma apresentação da origem mais remota do vestígio de tais personagens, o que foi levantado pela pesquisa é a Bíblia, que os mostram como advindos do Oriente. Neste aspecto houve a necessidade de recorrer à Teologia. Após isso, são permeadas as imagens e as literaturas produzidas, no sentido de acompanhar as transformações ocorridas acerca de tais personagens, visualizando o imaginário que foi se formando em torno desses personagens. Depois disso, é preciso perceber as mudanças estilísticas, buscando na História da Arte. E por fim, notar como a narrativa da imagem dos Magos chegou até o momento da confecção do quadro. Em meio a esse processo, o historiador das imagens se depara com diversos aspectos que pode ser considerado como “coisas banais”, que faz parte da cultura material do período que o artista o produziu, dentre eles há as vestes e as paisagens representadas e os seus detalhes.

Isto é algo que a primeira vista passa por despercebido no universo de pesquisa, que acabam se voltando para o tema, os personagens, as questões estilísticas, já a atenção a estes elementos, que é a “análise de detalhes”, que Burke e Panofsky expõem, auxiliam no reconhecimento dos códigos culturais, aprimorando a leitura da imagem, da sociedade, do período, ou seja, a história de um povo na construção daquele tema.

---

<sup>8</sup>SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Trad. José Rivair Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 33.

Sabendo que para uma análise “é prudente iniciar pelo seu sentido [, pois as] imagens são feitas para comunicar”<sup>9</sup>, esboçemos a seguir o que é a iconografia e a iconologia enquanto método de análise, pois por meio delas demonstram tal sentido.

Dessa forma, diversos historiadores, como Jean-Claude Schmitt<sup>10</sup>, evidenciam a análise das imagens por um método posto pelo historiador da arte Erwin Panofsky, a iconografia e a iconologia. Esta tendência é pertencente à História Cultural, especificamente, na fase da história social da arte, que iniciou nos anos de 1930, que trata de estudos que partem da sociologia, utilizam formulas ou esquemas culturais e perceptivas, nas quais identificava o estilo de cada pintor no campo das artes.<sup>11</sup>

Antes da definição do que seja iconografia e iconologia, Panofsky apresenta três níveis, que são importantes para entender o significado dos mesmos.

O primeiro nível trata do Tema primário ou natural, no qual identifica formas puras e as expressões contidas, sendo uma descrição pré-iconográfica da imagem, sem um conhecimento além do contido na imagem. Neste nível se faz uma análise sobre linhas, cores, claro e escuro, profundidade, plano, tudo relacionado com o que está sendo visto.

O segundo nível é nomeado por Tema secundário ou convencional, em que se tem um conhecimento a mais do que a imagem fornece, como decifrar os símbolos contidos na obra, do qual faz o espectador identificar os personagens retratados, é onde acontece a análise iconográfica da imagem.

O terceiro é o Significado intrínseco ou conteúdo, a partir do qual permite ir além dos elementos e dos significados transparecidos na obra, pois há uma necessidade de um conhecimento sobre a época em que foi retratada, não somente de seu tema. Precisa que se investiguem outras obras de mesmo tema pintadas em diversas épocas, a própria época em que a imagem foi produzida e os personagens envolvidos, os que aparecem e não aparecem no quadro, portanto, trata-se da interpretação iconológica. Observemos o que seja iconografia e iconologia.

Iconografia compreende um método descritivo. Nas palavras de Panofsky:

---

<sup>9</sup> BURKE. *Testemunha Ocular*, p. 43.

<sup>10</sup>Ver: SCHMITT. *O corpo das imagens*.

<sup>11</sup>Ver: BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*. 2ª ed. (revista e ampliada) Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

A iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens, [...] é um estudo limitado e, como que ancilar, que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados por quais motivos específicos [...], a iconografia é de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores. Entretanto, ela [...] coleta e classifica a evidência, mas não se considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese e significação dessa evidência: a interação entre os diversos “tipos”; a influência das idéias filosóficas, teológicas e políticas; os propósitos e inclinações individuais dos artistas e patronos; a correlação entre os conceitos inteligíveis e a forma visível que assume em cada caso específico<sup>12</sup>.

Neste trecho é evidenciado o método da iconografia, que para nós historiadores da imagem torna-se de fundamental importância, pois para fazê-lo pressupõe um conhecimento histórico sobre o que foi retratado. Burke o coloca como “análise de detalhes” para uma interpretação de imagens. Basicamente Burke encaixa a iconografia como leituras de imagens, visão muito aproximada de Panofsky. Burke expõe também a importância de reconhecer os códigos culturais, para uma leitura mais aprimorada de uma imagem.

Se iconografia implica no estudo dos elementos essenciais de uma imagem que precisam ser esclarecidos, o que seria iconologia? Uma iconografia interpretativa. Nas palavras de Panofsky:

Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. Assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica<sup>13</sup>.

Vemos, dessa maneira, que a diferença entre iconologia e iconografia, está em que a iconologia é mais interpretativa, enquanto a iconografia é mais descritiva e analítica.

Com base nos níveis propostos por Panofsky, faremos a seguir a aplicação dos mesmos níveis, Tema primário ou natural, Tema secundário ou convencional e Significado intrínseco ou conteúdo, que aqui são indicados respectivamente como, Análise pré-iconográfica, Análise iconográfica e Análise Iconológica, que são outras nomeações que Panofsky faz desses níveis.

Enquanto Análise pré-iconográfica há uma identificação quanto ao estilo da pintura dos jesuítas no Brasil, a técnica utilizada no quadro específico, as disposições de cada uma das figuras, o tamanho da obra, as cores empregadas, os jogos de luz e sombra. Como também se há profundidade na figura ou se é plana e qual é o posicionamento do espectador frente a elas,

<sup>12</sup> PANOFSKY. *Significado nas artes visuais*, p. 53.

<sup>13</sup> \_\_\_\_\_. *Significado nas artes visuais*, p. 54.

dentre outros aspectos verificáveis. Estes itens indicados acima são necessários para se identificar a mentalidade da população da região em que se encontra a obra estudada. No sentido artístico constatamos ser do período maneirista, do qual reflete também a sociedade.

Para a Análise pré-iconográfica, além de leituras de historiadores da arte, como Gombrich<sup>14</sup>, também serão realizados desenhos de cada figura do quadro a ser analisado. Ao isolar cada personagem, podemos verificar detalhes despercebidos antes, como a presença de mais figuras, o posicionamento delas e a origem da luminosidade. Abaixo segue um exemplo dos desenhos a serem produzidos. O desenho refere-se ao Mago do meio da obra que analiso no mestrado.



**Figura 1** – Desenho do detalhe do quadro Adoração dos Reis Magos em Nova Almeida: O Mago do Meio. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Os detalhes do personagem não foram possíveis serem reproduzidas neste desenho, uma vez que a imagem adquirida até o presente momento é de pouca qualidade, confirmando a necessidade de ir ao local em que a imagem se encontra e produzir a minha própria reprodução de qualidade superior. Um dos detalhes que foi possível observar é que a intenção é captar o momento que foi aberto a taça com ouro para ser oferecido ao recém-nascido, por isso os olhos abaixados.

Para a Análise iconográfica, recorreremos às literaturas que conceberam a cena estudada, a visita dos Magos a Jesus recém-nascido. Uma das literaturas em questão é fundamentalmente o livro canônico de Evangelho de Mateus 2, 1-12<sup>15</sup>. As outras literaturas são os livros apócrifos, como o Protoevangelho de Santiago, e os livros dedicados ao tema, como o Livro dos Magos de

<sup>14</sup> Ver: GOMBRICH, E. H. *A História da arte*. 16ª ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.

<sup>15</sup> Ver: BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. 2ª reimpr. Trad. Euclides Martins Balancin; Samuel Martins Barbosa; Estevão Bettencourt; et al. São Paulo: Paulus, 2003.

Hildesheim, que contém a história dos Magos. Dessa forma, consideramos que a imagem clareia o texto e o texto ajuda a compreender a imagem<sup>16</sup>.

A Análise iconológica compreende a reflexão sobre o período em que a obra foi concebida, no caso do quadro de Nova Almeida, os anos entre 1500 e 1600. É o momento das suposições com bases históricas. É nesta análise que é vista a vida do autor e do grupo do qual ele pertenceu, o motivo que levou a confeccionar tal obra. Este período da confecção desta obra é especialmente rico em transformações sociais, políticas e culturas, por se tratar do início da colonização brasileira.

Para uma visão da época da produção do ícone<sup>17</sup> sobre a visita dos Magos, como parte da Análise iconológica, será visto os documentos da antiga Aldeia dos Reis Magos, sobre a construção da Igreja, a colocação no retábulo que serve de altar-mor, como também procurar rastros da origem de tal quadro.

Dessa forma, foi traçado a forma de “ver” a imagem e de “fazer” a análise dela.

### **Os Reis Magos e as “coisas banais”**

Analisar os detalhes das vestes e as paisagens escolhidas e confeccionadas pelos artistas demonstram a necessidade destes em marcar sua pintura como original, tornando-a única. Mesmo escolhendo um tema tradicional como a adoração dos Reis Magos, as imagens são representadas de formas diferentes, sem que todas sejam meras reproduções uma das outras, caracterizando, dessa forma, a arte ocidental.

Outro item a ser ressaltado, além da originalidade, é colocar nos Magos os vestuários que os representava segundo o imaginário construído em torno deles, como no caso do primeiro quadro a ser apresentado com vestes que denotam os Magos como associados à magia e astronomia, mas os artífices medievais, além de transparecer nas vestes a construção desses personagens, também evidenciam a “moda” do período da confecção da obra, como será visto na pintura de Giotto, pois é percebido, através da observação de diversas obras do Baixo Medievo, que para este não há mudança nas roupas utilizadas 1300 anos antes com as que eles usavam no momento da confecção das obras.

---

<sup>16</sup> Ver: DUPRAT, Annie. *Images et Histoire*. Paris: Berlin, 2007.

<sup>17</sup>Aqui posto no sentido mais conhecido, em especial, na Igreja Católica Oriental, que são imagens de santos ou de cenas bíblicas (Por mais que este texto trabalhe com o lado Ocidental, porém a tradição dos ícones e o reconhecimento deles como tais é da Oriental, e por isso o respeito e a referência à origem do termo).

Quanto a este processo do vestuário Daniel Roche expõe o exemplo de Charles Darwin, o mostrando como evolução e diante a isto “convida a dar atenção aos pequenos fatos que traduziam a capacidade de informação do vestuário [...] a análise da evolução do traje, mesmo sua descrição, se revelaram certamente mais infrutíferas do que sua interpretação”<sup>18</sup>, assim o vestuário dos Magos são vistos mais pela interpretação de seus simbolismos do que buscar a tal evolução dos trajes.

Com o conhecimento destes, ao utilizar a teoria da História Cultural e a metodologia da iconografia e iconologia para minudenciar e ressaltar os detalhes das imagens em volto dos Reis Magos, tornando-se necessário que recorra como os elementos representados eram pensados no contexto de sua confecção. Contudo, as pistas mais plausíveis sobre isto se encontra nos estudos teológicos a respeito dos símbolos no universo bíblico e também na arte cristã, pois estas transmitem a mensagem imprescindível para compreensão de uma obra de cunho religioso.

Na imagem da representação dos Magos ainda ligados à magia é um mosaico<sup>19</sup> que se localiza em Santo Apollinare Nuovo, em Ravena, datado do século VI. Há dois elementos que revelam sobre a construção da memória em torno dos Magos: Primeiro, por já constar os nomes pelo os quais os Magos são conhecidos até hoje: Baltazar, Belchior (ou Melchior) e Gaspar. Segundo, pelo fato de não portarem coroas, como atualmente são reconhecidos, o que marca uma mudança nesta tradição.



**Figura 2** – Adoração dos Magos, Santo Apolinário, o Novo, século VI. Fonte: HILDESHEIM, João de. *O livro dos Magos*. 1ª ed. Trad. Leonor Lucena Sibertin-Blanc. Milão: Lucerna, 2004, p. 74.

<sup>18</sup> ROCHE. *História das Coisas Banais*, p. 256.

<sup>19</sup> É uma técnica que consiste em embutir pequenas peças, em especial, de pedra, para preencher um plano formando um desenho. É utilizada como decorativa desde a Antiguidade.

Neste mosaico percebemos que os Magos estão trajando roupas exóticas, muito coloridas e estampadas, uma alusão ao imaginário popular construído do Oriente, local que é reconhecido como origem dos Magos desde a literatura canônica. As estampas indicam conjuntos de estrelas, lembrando que a estrela é um símbolo dos Magos, por serem associados à astronomia e astrologia, e também pela narrativa bíblica os expor seguindo-a.

Das cores<sup>20</sup> visualizadas as que predominam são: azul, verde, vermelho e o branco. O verde é a natureza, as plantas, mas também esperança, sendo a cor dos eleitos, o azul é associado ao céu, que é o símbolo da morada de Deus, de sua transcendência, já o vermelho, muitas vezes ligado aos pecados, é a cor da realeza, como também simboliza o amor misericordioso e o branco é a representação da alegria e festividade, como também a pureza perfeita e a inocência<sup>21</sup>.

Em suas cabeças gorros, uma ligação dos Magos ao sentido original de magia, ao invés de realeza, como foi se construindo posteriormente, apesar de que os gorros se apresentam de cor vermelha. Também é posto que cada Mago tenha uma idade diferente, sendo o mais idoso o Gaspar, o mais jovem Melchior e na idade adulta, Baltazar.

A paisagem vista, os nomes são integrante dela, ao fundo há uma paisagem não tão colorida como os Magos, porém há tamareiras sendo visualizados com os seus frutos. Para o cristianismo a árvore com frutos simboliza os homens bons<sup>22</sup>. Também há algumas flores brancas, podendo ser lírios, que indica simbolicamente a pureza, mas, principalmente, o símbolo do escolhido<sup>23</sup>. Dessa forma, a mensagem era perpetuada para os que a observava durante as homílias<sup>24</sup>.

No alto, do lado direito, vemos a estrela, a sua presença para os Magos foi o sinal do nascimento de um rei, e ela, posteriormente, fica sobre a casa em que se encontrava o menino e a mãe. A simbologia em torno da estrela da narrativa mateana tem algumas considerações: o apócrifo Evangelho Árabe da Infância defende a ideia de ser um anjo; já Jacopo Varazze (1230-

---

<sup>20</sup>“O hebraico não tem designações propriamente ditas para as cores, mas as toma pelas coisas com cores características” (LURKER, Manfred. *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*. 2ª ed. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 2006, p. 69). Lembrando que o cristianismo é de origem hebraica. “Em virtude de considerações meramente pictóricas, o emprego da simbologia das cores na pintura cristã pode-se constatar com alguma regularidade em determinadas pessoas” (LURKER. *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*, p. 70). Como Cristo e Maria.

<sup>21</sup>Ver: LURKER. *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*; HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos: Imagens e sinais da arte Cristã*. 1ª ed. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994.

<sup>22</sup> Ver: BÍBLIA. Ap 22,2.

<sup>23</sup> Ver: BÍBLIA. Ct 2,2.

<sup>24</sup>Discurso proferido pelo celebrante de um culto religioso a fim de fixar e atualizar as leituras feitas do livro sagrado para tal religião.

1298) em sua “Legenda Aurea” expõe que não é qualquer estrela, pois essa se difere por três motivos das demais estrelas, em localização, brilho e movimento, e ainda apresenta seu significado, que fica evidente no momento em que ele mostra a estrela com cinco definições: material, espiritual, intelectual, racional e supra-substancial.

Ao comparar com Raymond Brown<sup>25</sup>, um teólogo da atualidade que trata sobre os Evangelhos da Infância, na questão dos Magos, ele expõe que a relação com a estrela é explicada pela sua afinidade à astronomia e astrologia. Este estudioso continua afirmando que há vários relatos que relaciona fenômenos astronômicos com as grandes personalidades, como no caso de Eneida, em que uma estrela guiou Enéias a Roma. Brown coloca que a estrela também era associada ao nascimento de pessoas de grande influência para a sociedade na qual nasceu, pois havia uma crença de que quando essa pessoa nascia uma estrela também nascia, e quando morria, esta morria junto com a pessoa. Nesta perspectiva que os Magos eram astrólogos, os teólogos atuais, representado por Brown, uma estrela nascente, teriam levado a eles associarem com o nascimento de um rei.

Os recipientes que se encontram cada presente são bem ornamentados, em cada há uma substância diferente descrita na leitura evangélica<sup>26</sup>. Ouro, incenso e mirra que representam as “riquezas e perfumes da Arábia (Jr 6, 20; Ez 27, 22). Para os Padres da Igreja simbolizam a realeza (o ouro), a divindade (o incenso) e a paixão (a mirra) de Cristo.”<sup>27</sup> Ao olhar mais atentamente para cada elemento, percebe que o ouro é entregue pelo Mago mais velho, Gaspar, cheguei a essa dedução por ser objeto sólido, já a mirra pelo Mago “adulto”, por se tratar de um líquido esse recipiente parece ser mais favorável, e por fim o incenso pelo Mago mais novo, Melchior.

Com isso há a possibilidade de unir todos esses detalhes, fazendo a leitura desse código cultural, deciframos o que os Magos estão significando e representando para essa sociedade. Dessa forma, todos esses detalhes indicam que a pretensão aqui era evidenciar os Magos perseguindo a estrela para entregar os seus presentes para o rei, do qual esperavam nascer, segundo a tradição Cristã<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup>Ver: BROWN, Raymond E. *O Nascimento do Messias: comentário das narrativas da infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas*. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2005.

<sup>26</sup> BÍBLIA. Mt 2, 1-12.

<sup>27</sup> BÍBLIA. p.1705. (Nota de Rodapé dos tradutores).

<sup>28</sup> BÍBLIA. Mt 2,1-12.

As Coroas passaram a ser adotadas para retratar os Magos a partir do reinado de Otto II com seu Sacro Império Romano. A cena da adoração dos Reis Magos foi propícia para elevar o seu poder. Neste período há uma ilustração da cena com Magos-Reis, investidos de suas coroas de aro de ferro, que se prostram diante da sagrada família, que estão de frente do seu “estábulo”, que tem a arquitetura de uma pequena igreja, e humildemente entregam suas oferendas<sup>29</sup>.

Já no Baixo Medievo os Magos em adoração são Reis, demonstrando que isto influenciou na transformação do imaginário popular ocorrida desde os Magos de Ravena. Assim, diversos artistas passam a os retratarem dessa maneira, porém, sempre em vista a questão da originalidade de sua obra, pois se trata de um período que o artífice, denominação da ocasião para artista, recebe destaque social.

É neste momento que encontra as oficinas de artesãos, inauguradas por Cenni di Pepo, o Cimabue (1240-1302), mestre de Giotto di Bondone (1267-1337), “eram a célula base da vida comunal”.<sup>30</sup> A colaboração dos aprendizes formados nessas oficinas é que auxiliam na geração de novidades nos estilos de cada artista no decorrer de sua vida artística. Também houve neste período uma libertação parcial do artista, pois lá se encontram documentos que referenciam o artista por sua obra, e por isso que a partir da Baixa Idade Média que começa a expor a questão da autoria e também do mecenas ou encomendador da obra como importantes.<sup>31</sup> Isto é relevante na observação dos detalhes das obras, pois é ali que se encontra a marca do artista e de seu encomendador.

Neste contexto, temos a obra do artista considerado o pai do renascimento no campo das artes visuais, por Giorgio Vasari (1511-1574), o Giotto di Bondone. Aqui destacaremos uma das suas três pinturas, que se tem conhecimento até então, com o tema da adoração dos Reis Magos. A obra escolhida tem algo diferencial, além do uso das coroas, já citadas, há um elemento a mais para o imaginário sobre os Magos, o halo ou auréola dos santos nos Magos.

---

<sup>29</sup>Infelizmente não tive acesso a essa imagem. Citado por RUSSO, Daniel. Les représentations mariales dans l'art d'Occident Essai sur la formation d'une tradition iconographique. In: IOGNA-PRAT, Dominique; PALAZZO, Éric; RUSSO, Daniel. *Marie: le culte de la vierge dans la société médiévale*. Paris: Beauchesne, 1996.

<sup>30</sup>BOLOGNA, Ferdinando. Giotto. In: DUBY, Georges; LACLOTTE, Michel (org.) DUBY, Georges. *História Artística da Europa: a Idade Média*. Tomo II. Trad. Mário Dias Correia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 346.

<sup>31</sup> Ver: LE GOFF, Jacques. (sob direção de). *O Homem Medieval*. 1ª ed. Trad. Maria Jorge Vitar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1989.



**Figura 3** – Adoração dos Reis Magos, Giotto, Capela Arena, Pádua, 1302. Fonte: HILDESHEIM, João de. *O livro dos Magos*. 1ª ed. Trad. Leonor Lucena Sibertin-Blanc. Milão: Lucerna, 2004, p. 82-83.

A obra situada na Capela Arena, Pádua, na região do Vêneto, península itálica, é um afresco<sup>32</sup> datado de 1302. Nesta imagem temos figuras humanas e animais exóticas para a região em que o pintor vive, tendo como centro das atenções, tantos dos personagens envolvidos, como do espectador, um bebê que é segurado por uma figura feminina. Há também figuras aladas, tendo uma delas participando da cena ao segurar um dos presentes oferecidos. Há ainda três personagens que trazem presentes ao recém-nascido.

O cenário ou paisagem é composto de um solo montanhoso, identificado como um monte, que nas religiões, de modo geral, são vistos como centros cósmicos que unia o céu e a terra, o ponto que está mais próximo dos deuses.<sup>33</sup> Na imagem em questão o espectador, observando e somado à homília, é levado à mensagem que neste momento o céu e a terra se tornaram um só lugar. Há ao fundo um cometa/estrela que parece tocar o monte. Sobre a estrela há estudiosos que defende a ideia que seja um cometa, e que Giotto se inspirou no “Miles” ou

<sup>32</sup>Técnica de pintura utilizada para obras em paredes. Numa superfície em que a argamassa ainda está fresca (por isso o nome), o artista, utiliza pigmentos em pó diluídos em água para o esboço, assim as cores penetram na parede e torna-se parte dela, mas por secar rapidamente, o artista não tem como fazer correções. Resulta numa maior durabilidade quando a região tem o clima seco, pois a umidade pode ocasionar rachaduras. A base de gesso ou nata de cal, ainda úmida, é utilizada atualmente para confecções de murais.

<sup>33</sup> Ver: LURKER. *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*; HEINZ-MOHR. *Dicionário dos Símbolos*.

“Halley” especificamente.<sup>34</sup> E também é visto um pequeno abrigo de madeira que acolhe as personagens centrais, um símbolo da simplicidade.

Quanto às vestes, excetuando um dos Magos que está de azul e capa vermelha, são cores mais discretas, denotando a retirada da magia dos Magos.

O elemento diferencial por excelência desta obra é halo ou auréola, como também a coroa, este vem num momento propício para a história da trajetória dos Reis Magos, pois o quadro analisado foi confeccionado poucos anos depois que ocorreu a transladação das relíquias, consideradas dos Magos, do Oriente para a Europa, que, depois de uma estadia em Milão, foi fixada em Colônia, local que se encontra atualmente.<sup>35</sup> Dessa forma, conferindo uma nova mudança na construção do seu imaginário, agora são Santos Reis Magos.

O halo ou auréola presente nos Magos originalmente não é símbolo cristão, vem da Ásia, e representa o sol e a coroa do rei visto na arte helênica nas figuras dos deuses. Com o advento da Idade Média tornou-se item de personagens considerados santos, algo que já fazia anteriormente com Jesus e Maria. Assim, neste momento os Magos são colocados neste hall. Já o uso das coroas, os Magos serem reis, desde religiões mais antigas, o rei é o deus visível, e também o representante do deus. Na Idade Média o rei era o representante de Cristo e receber a coroa significava receber o feudo de Cristo.<sup>36</sup>

Nos chama a atenção para presença de dois camelos no canto esquerdo, diferentes do que seria realmente um camelo, facilmente verificado ao observá-lo, pois estes têm olhos azuis, orelha de burro, e a face é uma mistura de cavalo com ovelha. Isso nos faz com que, um observador mais atento, acredite que Giotto nunca os viu antes, e, levando em conta o local de produção, Pádua, ser próximo de Veneza, uma zona portuária, seja possível que os desenhou apenas por descrições feitas a ele e fez questão de pô-los para demonstrar a origem destes Magos. Há também dois tratadores que se preocupam para com os camelos, o que mostra o cuidado de Giotto com os detalhes.

Além dos camelos há outros animais, o que indica um título de Cristo, o Bom Pastor, mas especialmente, o presépio de São Francisco de Assis, que menos de cem anos antes da confecção

---

<sup>34</sup>WOLF, Noberto. *Giotto*. Trad. André Marcelo. Lisboa: Taschen, 2007, p. 12; BOLOGNA, Ferdinando. *Giotto*, p. 344.

<sup>35</sup>Ver: VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: vidas de santos*. (Tradução, introdução e notas: Hilário Franco Jr.) São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>36</sup> Ver: LURKER. *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*; HEINZ-MOHR. *Dicionário dos Símbolos*.

dessa imagem foi pela primeira vez montada, e nesta havia diversos animais, pois com ele é fundado o amor aos animais e a convicção de que também eram criaturas de Deus. Ainda hoje há a presença de animais nas montagens dos presépios a cada natal.<sup>37</sup>

Também nos atentamos para a linguagem, em uma imagem enxergamos a narrativa do Evangelho de Mateus 2, 1-12, o que evidencia, por estar situada numa Igreja, que era utilizada para fixar a mensagem transmitida pelo padre durante a homília.

A pintura dos Magos na Idade Moderna com uma característica distinta das anteriores é obra do artista Albrecht Dürer, tem medidas de 100 cm x 114 cm, já a técnica utilizada é óleo sobre madeira<sup>38</sup> de conífera, e pintada em 1504. Localiza-se na Galleria Uffizi, em Florença, na Itália, e está no acervo desde 1793, advinda das coleções de Rodolfo I, porém foi encomendado por Federico III, o Sábio, para a capela no Castelo de Wittenberg, na Saxônia<sup>39</sup>.



**Figura 4** – Adoração dos Magos, Albrecht Dürer, Galleria Uffizi, Florença, Itália. Fonte: GINANNESCHI, Elena. *Galleria Uffizi*: Florença. São Paulo: Folha de São Paulo, 2009, pp. 74-75.

A imagem acima, em comparação com a anterior, há poucas personagens, tendo somente os três Magos, Jesus e Maria, identificados, há também animais e personagens ao fundo. Apesar das semelhanças, como do Mago mais velho ajoelhado com Jesus esticando o braço em sua

<sup>37</sup> Ver: LURKER. *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*; HEINZ-MOHR. *Dicionário dos Símbolos*.

<sup>38</sup> Técnica de pintura que oferece ao artista uma extraordinária versatilidade, sendo utilizada largamente a partir do século XIV. A tinta é obtida pela mistura de pigmentos com óleo, em especial, de linhaça e a viscosidade é modificada pela adição de solvente, como terebintina. A aplicação é feita por pinceis, espátulas ou outros meios. Sua secagem lenta permite ao artista alterar ou corrigir a obra, além da facilidade de misturar cores para obter outras tonalidades.

<sup>39</sup> GINANNESCHI, Elena. *Galleria Uffizi*: Florença. São Paulo: Folha de São Paulo, 2009, pp. 74-75.

direção e a presença da coroa. A grande diferença a ser analisada é a presença de um Mago enegrecido na imagem. Isto pode ter ocorrido por conta da simbologia dos Magos na visão teológica, em que defende que os Magos é o mundo que reconhece que Jesus é o Cristo e vai adora-lo recém-nascido.

O negro ou mouro na arte cristã está relacionado a reinos (Rainha de Sabá em Reis), a quem busca a Cristo (Filipe em Atos dos Apóstolos) e também a santos e mártires. Um dos Magos sendo um negro encontra-se neste contexto de simbolismo, um sábio representante da África<sup>40</sup>.

Portanto, isso denota uma saída da visão europeia para a imagem dos Magos, assim já é visualizado em obras de artistas contemporâneos à Giotto comendo os Magos com um Negro ou Mouro entre eles. E com a expansão marítima, e certa “globalização”, é cada vez mais enraizada essa proposta, ao ponto de ter, no mesmo período desta obra da América Portuguesa, outro quadro em Portugal com um dos Magos sendo um Índio do além-mar. Atualmente os Magos são pintados com vestimentas de diversas regiões do Brasil e também de distintas profissões.

Nas vestes, aqui percebe uma volta a cores de mais destaque, o vermelho, e mais próximas ao imaginário do oriente, o que denota um retorno ao sentido primeiro dos Magos.

Por se tratar de um estudo inicial sobre este tema, questões como a intencionalidade do autor, o contexto de produção, os simbolismos contidos na obra, histórico do artista e do grupo a qual pertenceu e os efeitos produzidos pela obra não foram ressaltados e trabalhados para este artigo. Elementos estes essenciais para que se faça uma análise de uma imagem para a dissertação.

### **Considerações finais**

Com este artigo é possível visualizar que a análise sobre os Magos pelas imagens se torna viável com a História Cultural e com a iconologia e iconografia, pois é possível notar a construção da representação dos Magos de hoje por meio do imagético.

Assim, este artigo demonstrou que faz parte dos estudos historiográficos a análises dos detalhes de uma obra imagética, encaixando a isso, como exposto por Daniel Roche, a “História das Coisas Banais”, pois nos detalhes estão as vestimentas, os objetos, a paisagem, tudo que

---

<sup>40</sup> Ver: HEINZ-MOHR. *Dicionário dos Símbolos*.

contribui para entender o sentido da obra, o seu simbolismo e identificar o contexto em que foi produzida.

Para uma metodologia no estudo das imagens, faz-se necessário o conhecimento teórico a ser seguido na análise. Quão importante que a parte teórica, é a compreensão de como será feita a análise da imagem da qual se propôs. O mais relevante num estudo das imagens é buscar o seu sentido, ver a sensibilidade que nela foi impressa. Para tal, como se trata de uma imagem explicitamente ligada a um texto canônico, precisa percorrer a historicidade de sua narrativa, seja por meio de outras imagens produzidas anteriormente de mesmo tema, seja pela oralidade e textualidade feitas e assim podendo identificar o simbolismo contido nos detalhes das obras referente aos Magos e podendo entender como eles influenciaram no imaginário popular que nos chegou aos dias atuais.

Também este artigo demonstrou que estudar as representações imagéticas dos Magos é inserir esta análise no campo da História Cultural, pois esta historiografia tem como uma das características a emergência de adotar objetivos que aproxime da dinâmica cultural da sociedade, como também a da colaboração dos outros campos do saber, neste caso, é inerente que tenha a Teologia e a História da Arte.

Portanto, ter claro estes elementos antes que se inicie o estudo com as imagens é essencial. Dessa forma, é possível direcionar o nosso “ver”, para que o nosso “fazer” seja no campo historiográfico.